

**“PRETO DANÇA TANTO, AINDA MAIS PRETO E VIADO”:  
APONTAMENTOS  
SOBRE GÊNERO E RAÇA EM *SUPER DRAGS***

Gabriel Marchetto<sup>1</sup>

**RESUMO**

Este trabalho objetiva realizar apontamentos sobre a ocorrência de discriminação racial e de gênero em trechos selecionados do quarto episódio da série de animação brasileira *Super Drags*. Em tempos de conservadorismo acentuado no Brasil, esta pesquisa se justifica pela criação e exibição de uma série brasileira que aborde as temáticas de gênero, raça e seus diversos desdobramentos, a qual se destaca por ser a primeira série de animação produzida no Brasil abordando tais assuntos de maneira cômica, irônica e acurada. Este estudo qualitativo interpretativista (ERICKSON, 1990; MOITA LOPES, 1994) se insere no âmbito da linguística aplicada indisciplinar (MOITA LOPES, 2006) ao utilizar arcabouço teórico transdisciplinar das teorias *queers* (BUTLER, 1990; SALIH, 2017; MISKOLCI, 2012) e teorizações sobre questões de raça, discriminação racial e de gênero (BARNARD, 2004; CRENSHAW, 2003; GUIMARÃES, 2003). Para a proposta interpretativista, a linguagem é o fator determinante para a compreensão do fato social e das várias subjetividades dos sujeitos pesquisados. A proposta *queer* de pensamento visa o questionamento das categorizações binárias em busca da transformação social. O trabalho com o conceito de raça nas teorias *queers* é de suma importância, pois raça e gênero não podem ser desassociados como se fossem instâncias separadas da subjetividade humana. As personagens da série sofrem discriminação racial e de gênero em diversos momentos da narrativa e o racismo presente no seriado não deve ser tratado como uma questão de menor importância, mas deve ser denunciado, questionado e combatido.

**PALAVRAS-CHAVE:** Raça; Gênero; Discriminação; Teorias *Queers*; *Super Drags*.

**“BLACK FOLKS DANCE SO MUCH, EVEN MORE BLACK AND A FAG”:  
NOTES ON GENDER AND RACE IN *SUPER DRAGS***

**ABSTRACT**

This work aims to make notes on the occurrence of racial and gender discrimination in selected excerpts from the fourth episode of the Brazilian animation series *Super Drags*. In times conservatism in Brazil, this work is justified by the creation and exhibition of a Brazilian series that addresses the themes of gender, race and its various developments, which stands out for being the first animation series produced in Brazil addressing such matters in a comical, ironic and accurate manner. This qualitative interpretative study (ERICKSON, 1990; MOITA LOPES, 1994) falls within the scope of applied interdisciplinary linguistics (MOITA LOPES, 2006) by using the transdisciplinary

<sup>1</sup> Professor efetivo de Língua Inglesa (SEDUC-MT) e Mestrando em Estudos da Linguagem (UFMT).

theoretical framework of queer theories (BUTLER, 1990; SALIH, 2017; MISKOLCI, 2012) and theorizations about issues of race, racial and gender discrimination (BARNARD, 2004; CRENSHAW, 2003; GUIMARÃES, 2003). For the interpretative proposal, language is the determining factor for understanding the social fact and the various subjectivities of the subjects surveyed. The queer thought proposal aims at questioning binary categorizations in search of social transformation. The work with the concept of race in queer theories is of paramount importance since race and gender cannot be disassociated as if they were separate instances of human subjectivity. The characters of the series suffer racial and gender discrimination at different moments of the narrative and the racism present in the series should not be treated as a minor issue, but should be denounced, questioned, and combated.

**KEYWORDS:** Race; Gender; Discrimination; Queer theories; Super Drags.

## INTRODUÇÃO

O caráter conservador neoliberal em voga no cenário político, social e econômico brasileiro acentua a dificuldade no trabalho com temáticas relativas a identidades *queer*, gênero, sexualidades, dentre outros. Não obstante, ao discutirmos tais temas, também estamos tratando sobre questões raciais, pois gênero, raça, sexualidade, classe social e saúde, por exemplo, são elementos constitutivos do ser social, não podendo ser tratados como unidades desassociadas e descontextualizadas das práticas sociais dos sujeitos.

Este trabalho está dividido em duas seções, a primeira apresenta uma revisão bibliográfica sobre gênero, teorias *queers* e questões raciais. Em seguida a apresentação e análise de trechos selecionados, do quarto episódio da série *Super Drags* intitulado “Seja quem você é”, a partir da ocorrência das questões de gênero e raça, principalmente sob a forma de falas homofóbicas e racistas no contexto do seriado.

A série *Super Drags* foi criada pelos roteiristas e produtores brasileiros Anderson Mahanski, Fernando Mendonça e Paulo Lescaut, os quais integram a equipe da produtora brasileira Super Combo, com investimento da plataforma norte americana de streaming Netflix. A série é composta por uma única temporada com um total de cinco episódios de mais ou menos 22 minutos de duração cada, totalizando aproximadamente 110 minutos de conteúdo.

*Super Drags* obteve diversas críticas negativas de diversos setores e organizações públicas e privadas, como por exemplo, a Sociedade Brasileira de Pediatria, a Câmara de Deputados Federais e o Ministério Público Federal. Os críticos destacaram que o seriado detém forte apelo ao público infante juvenil por conta de seu formato em desenho animado e como a série aborda a temática de gênero e sexualidades, estes assuntos seriam considerados impróprios para crianças e jovens que utilizam a plataforma.

Esta pesquisa está ancorada em uma perspectiva indisciplinar de linguística aplicada (MOITA LOPES, 2006) e faz uso de um arcabouço teórico transdisciplinar a partir de estudos das teorias *queers* (BUTLER, 1990; SALIH, 2017; MISKOLCI, 2012) e teorizações sobre questões de raça, discriminação racial e de gênero (BARNARD, 2004; CRENSHAW, 2003; GUIMARÃES, 2003). Metodologicamente este trabalho utiliza perspectiva qualitativa interpretativista (ERICKSON, 1990; MOITA LOPES, 1994) para fundamentar as análises dos excertos selecionados para este estudo.

A proposta interpretativista, conforme Moita Lopes (1994), destaca a linguagem enquanto um fator determinante do fato social e como um meio para a compreensão da linguagem e das variadas subjetividades e interpretações dos sujeitos falantes analisados.

Conforme Erickson (1990), ao se fazer uma pesquisa, deve-se manter um olhar atento para refletir deliberadamente naquilo que estamos vendo e ouvindo. Para o autor, pesquisar significa buscar, não só uma vez, mas várias vezes, em determinado contexto social. Portanto, neste artigo os excertos foram selecionados e analisados a partir de um olhar atento e reflexivo do pesquisador.

Para este trabalho destaca-se a análise das ocorrências de discriminação racial e de gênero no quarto episódio da série intitulado “Seja Quem Você é”. Este é o penúltimo episódio da série e o único em que ocorre a discussão da discriminação racial sofrida por uma das personagens principais da trama, Donizete. Em um primeiro momento, foi feita a transcrição do episódio, em um segundo momento a leitura e a identificação dos temas mais relevantes, dos quais podemos citar as identidades *queer*, hipersexualização do corpo masculino, homofobia e discriminação racial.

Em seguida, a partir do destaque dos temas predominantes observados nos dados do quarto episódio foi definido o tema foco deste trabalho, a discriminação racial e de gênero,

devido a relevância e importância desta temática nos trechos selecionados. Adiante será feita a apresentação e síntese das principais referências que norteiam esta pesquisa.

## LINGUÍSTICA APLICADA *QUEER* E TRANSGRESSIVA: DISCUTINDO A QUESTÃO DE GÊNERO E RAÇA

Moita Lopes (2006) ressalta a urgência de se pensar em uma linguística aplicada que não se limite apenas a estudos centrados puramente em questões linguísticas, mas que integrem as mais diversas áreas do conhecimento, como por exemplo, as ciências sociais e as humanidades. Segundo o autor essa linguística pode ser compreendida enquanto transgressiva, indisciplinar, mestiça e de caráter transdisciplinar. Ela é transgressiva e indisciplinar por transgredir os limites disciplinares dos diversos campos do conhecimento humano, mestiça por mesclar as mais variadas áreas do conhecimento e transdisciplinar por atravessar as mais diversas disciplinas em direção a uma abordagem holística de conhecimento.

Por conseguinte, acrescento ainda que a linguística aplicada indisciplinar de Moita Lopes (2006) também deve ser *queerizada*, pois quando falamos em uma proposta *queer* de pensamento, estamos nos identificando com uma proposta que visa tanto o questionamento de categorias binárias excludentes em busca de transformação social, quanto no que tange aos movimentos LGBTQ+<sup>2</sup> e aos estudos de gênero e a epistemologias e metodologias excludentes e limitantes. As teorias *queers*, conforme Miskolci (2012, p. 26), almejam questionar a criação e disseminação dos conceitos de normalidade e anormalidade ao evidenciar as injustiças e violências que estão presentes na propagação e no cumprimento das normas e convenções culturais. Portanto, segundo o autor, “o *queer* é relacionado a tudo que é socialmente chamado de estranho, anormal e, sobretudo, abjeto” (MISKOLCI, 2012, p. 43).

Portanto, o *queer*, de acordo com Salih (2017, p. 19), “não está preocupado com definição, fixidez ou estabilidade, mas é transitivo, múltiplo e avesso à assimilação”. A

---

<sup>2</sup> A sigla LGBTQ+ designa, respectivamente, Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Travestis e *Queers*. O símbolo + visa destacar todos os sujeitos que poderão vir a ser incluídos.

autora também destaca que a teoria *queer* aponta para a volubilidade e ambiguidade das “identidades “generificadas” e sexuadas”.

Por sua vez, Butler afirma que “o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas” (1990, p. 21). Dessa forma, segundo a autora, o conceito de gênero está intimamente ligado às noções de cultura e política, meios pelos quais o gênero é (re)produzido. Logo, a filósofa destaca a diferenciação entre a noção de sexo, relacionado ao biológico, e gênero, como construto cultural ao destacar a noção “flutuante” e frágil do gênero diante de uma independência acerca do termo sexo ao destacar a possível existência tanto de um homem e um corpo feminino ou masculino, quanto de uma mulher e um corpo masculino ou feminino. Dessa maneira, o sexo biológico não poderia, a priori, definir o gênero dos indivíduos, o qual pode conter significados e corporeidades diversificadas.

Consequentemente, Butler (1990) destaca a não naturalidade do gênero e a não necessária relação entre corpo biológico e gênero, construído socialmente. Para a autora, isso implicaria na existência de um corpo designado como “fêmea” sem exibir traços usualmente identificados como femininos e um corpo “macho” sem traços usuais masculinos.

Diante dos questionamentos provenientes da distinção entre sexo e gênero e da contestação do caráter aparentemente imutável do sexo, Butler chega à conclusão de que o sexo, na verdade, sempre foi gênero, pois “(...) talvez o próprio construto chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nula.” (BUTLER, 1990, p. 27).

Segundo Butler, o gênero possui uma característica reiterativa, e somente por meio de repetições ou “encenações” é que o gênero se sustenta a partir de uma estrutura altamente regulatória. “O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (1990, p. 69). Da mesma forma, Salih afirma que Butler “considera tanto o sexo quanto o gênero como “encenações” que operam performaticamente para estabelecer a aparência de fixidez corporal.” Com base no conceito de “encenação” (2017, p. 83), Butler atesta

que os sujeitos podem, conseqüentemente, “encenar” o gênero de maneiras “inesperadas e potencialmente subversivas”.

Compreender a não naturalidade do gênero e sua fragilidade conceitual devido ao seu caráter reiterativo, também, conforme Barnard (1999), nos faz refletir que a sexualidade é continuamente marcada racialmente, pois cada marcação racial está carregada de especificidades da sexualidade, como por exemplo, o gênero, a classe social e outras inscrições classificatórias, das quais são tanto determinadas quanto determinantes. Portanto, o autor compreende que a sexualidade sempre é racializada e não entende raça e sexualidade enquanto elementos díspares da subjetividade dos sujeitos.

Barnard (1999) argumenta que raça não pode existir sem a sexualidade e vice-versa, o autor destaca que ainda há poucos estudos que tratam sobre a questão da construção racializada da identidade sexual e acerca da marcação sexualizada da raça, pois Barnard (1999) defende que o gênero é sempre racialmente específico e as categorizações raciais inevitavelmente generificadas.

Guimarães (2003) destaca que o termo raça possui dois significados analíticos, o primeiro proveniente da biologia genética e o segundo da sociologia. O autor destaca que a biologia e a antropologia física instituíram o conceito de raças humanas a partir da ideia de que a espécie humana pudesse ser dividida em diversas subespécies, assim como no reino animal. Tal divisão em subespécies seria responsável por desenvolvimentos biológicos diferentes no que tange a valores morais, dotes psíquicos e intelectuais dentre os seres humanos (GUIMARÃES, 2003, p. 96).

Conforme Guimarães (2003), o que entendemos como racismo na contemporaneidade advém dessa ideia de divisão dos seres humanos em raças e subespécies, cada qual com suas especificidades. O autor ressalta que após a Segunda Guerra Mundial, os cientistas se esforçaram muito para destituir a ideia de raça enquanto divisão dos seres humanos e criação de subespécies, desautorizando o uso do termo como categoria científica (GUIMARÃES, 2003, p. 96).

As raças, conforme Guimarães, “são cientificamente uma construção social e devem ser estudadas por um ramo próprio da sociologia ou das ciências sociais, que trata das identidades sociais” (2003, p. 96). Barnard (1999) ainda ressalta que a ideia de

raça como concebida hoje é um conceito extremamente recente e a ciência advoga pela não existência da raça.

Barnard (1999) defende que a raça é tão construída socialmente quanto a sexualidade, a qual certamente pode ser considerada como um dos fatores que determina as identificações raciais. O autor, em consonância com Guimarães (2003), destaca que já houve a existência de uma ciência da raça e que, apesar dessa ciência ser desacreditada pelas autoridades científicas, ela ainda habita o pensamento de diversos sujeitos. Tal entendimento possui efeito material e psicológico direto na vida das pessoas que são racializadas por si mesmas e pelos outros, tanto historicamente quanto nos dias de hoje (BARNARD, 1999).

Portanto, a raça pode não possuir mais o mesmo crédito científico que obteve com a ciência da raça, já destituída, mas raça significa muitas coisas na vida das pessoas, possuindo caráter social, político e cultural.

Crenshaw (2004, p. 9) afirma que tanto o gênero quanto a raça lidam com questões relativas às diferenças, no entanto, o grande desafio seria incorporar a questão de gênero na prática dos direitos humanos e vice-versa. A autora destaca que tanto homens quanto mulheres podem e de fato experienciam situações de racismo de formas diretamente relacionadas a seu gênero. A teórica ressalta que um dos grandes problemas seriam as visões de discriminação racial e de gênero enquanto categorias diferentes de pessoas.

Em consonância com o que afirma Barnard (1999), Crenshaw assevera que “uma das dificuldades é que mesmo dentro dos movimentos feministas e antirracistas, raça e gênero são vistos como problemas mutuamente exclusivos” (2004, p. 14). Crenshaw (2004) defende que a interseccionalidade pode funcionar como um elo entre muitas instituições e eventos e as questões de gênero e raça no âmbito dos direitos humanos, pois a interseccionalidade busca congrega questões raciais nos debates acerca do gênero e direitos humanos e incluir questões de gênero nas discussões sobre raça e direitos humanos (CRENSHAW, 2004, p. 8).

Barnard (1999) também disserta acerca do movimento LGBTQ+ e das teorias *queers*, destacando que o movimento LGBTQ+ possuía certas incongruências no que tange às questões raciais e aos interesses do grupo como um todo, pois homens gays

brancos não se interessavam pelas reivindicações de homens e mulheres gays negros no que tange à discriminação racial e ao sexismo:

A identidade do grupo [LGBTQ+] foi construída de modo que seus interesses fossem somente pertinentes ao grupo se eram um resultado de sua homossexualidade, porque a homossexualidade foi compreendida geralmente por homens gays brancos (e, às vezes, lésbicas brancas). Se você estava sendo atacado na rua por causa de sua orientação sexual, sua indignação e dor eram relevantes. No entanto, se você tivesse sido atacado por causa de seu gênero ou sua cor, ao invés de sua homossexualidade, suas preocupações perdiam relevância. (BARNARD, 1999, p. 202, tradução nossa).

Barnard (1999, p. 203) também faz uma crítica às teorias *queers* e aos teóricos *queer* ao salientar que muitas vezes, eles apenas reproduzem os tipos de normalizações raciais e exclusões que eles tanto criticam, pois teóricos *queer* são essencialmente construídos enquanto sujeitos brancos e os intelectuais negros são situados em posição de inferioridade, um conhecimento menor e não tão relevante.

A partir de sua crítica, Barnard (1999) busca conceituar o que denomina de raça *queer*, como uma tentativa de interpelar e interrogar as teorias *queers* ao mesmo tempo em que busca especificar a raça nas teorias *queers* e como as teorias *queers* falham, na maioria das vezes, quando não demarcam a questão da raça em suas teorizações, apagando-a de suas pesquisas e escritos. O autor, portanto, destaca a importância do trabalho com o conceito de raça nas teorias *queers*, pois raça e gênero, como já afirmado anteriormente, não podem ser desassociados como se fossem instâncias separadas da subjetividade humana.

Apesar das críticas, Barnard (1999) assevera que não devemos entender que as teorias *queers* devem ser ignoradas, pois ele mesmo afirma que para questionar e ressignificar as teorias *queers*, é preciso justamente a própria teoria *queer*. O teórico reforça que acredita na potencialidade das teorias *queers*, pois sua força reside exatamente no questionamento e na dúvida. A urgência da teoria *queer* dentro da própria teoria *queer*, a produtora de contradições e irreconciliabilidades.

Na próxima seção, apresento alguns excertos selecionados do quarto episódio da série *Super Drags*. Os trechos utilizados para as exposições e comentários buscam ilustrar a ocorrência da discriminação racial e de gênero no decorrer do episódio escolhido levando em consideração as teorias *queers* e os estudos sobre raça e discriminação.

REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E RAÇA NO SERIADO *SUPER DRAGS*

*Super Drags* possui três personagens principais e seus respectivos alter egos enquanto sujeitas *drag queens*, são eles: Donizete (Scarlet), Patrick (Lemon) e Ralph (Safira). Donizete é um dos vários personagens negros no seriado, mas o único dentre as personagens principais; ele pode ser descrito como um homem negro, magro e desenhado de forma a salientar um pênis de tamanho muito avantajado. Podemos perceber claramente a personificação de estereótipos do que seja um homem negro em Donizete, como por exemplo a virilidade expressa principalmente pelo tamanho de seu pênis. Ele é descrito, ironicamente, pelo narrador como alguém calmo e que possui “autocontrole”, todavia é a personagem mais irritadiça, impaciente e objetiva do grupo.

Vale ressaltar a presença de outros personagens secundários importantes, como, por exemplo, Vedete Champagne, uma *drag queen* negra, magra, experiente, vaidosa e extremamente feminina. Ela nunca aparece desmontada<sup>3</sup> na série e sempre está muito bem vestida com inúmeras jóias e vestimentas glamurosas. Vedete é a responsável por recrutar o grupo das *Super Drags* e passar todas as instruções das missões das integrantes; Goldiva, uma *drag queen* negra, magra, estilosa, narcisista, vaidosa e considerada a maior e mais famosa cantora e diva pop do universo da série; Lady Elza, a principal vilã da trama, uma *drag queen* branca, gorda, idosa, caricata, rabujenta e cômica. O nome da vilã, Elza, também faz alusão a gíria “dar a Elza” proveniente da variedade linguística usada pela comunidade LGBTQ+, a qual designa o ato de roubar alguma coisa ou se apropriar de algo de forma ilícita. É importante destacar, também, a presença de algumas das dubladoras do seriado, como por exemplo, Pablló Vittar<sup>4</sup> enquanto Goldiva e Silvetty Montilla<sup>5</sup> como Vedete Champagne.

Outras personagens de menor destaque também são introduzidas no decorrer do episódio, como por exemplo, o chefe das *Super Drags*, Dr. Robertinho, um homem baixinho, gordo, careca e exageradamente arrumado, o qual faz questão de se auto exaltar como “macho alfa”; Val, a colega de trabalho das personagens principais, uma mulher negra, gorda, simpática e amigável; Profeta Sandoval, um dos vilões da série, um homem branco, de meia idade,

<sup>3</sup> Os termos “montar” ou estar “montada” fazem menção ao processo de caracterização das personagens enquanto *drag queens*, com o uso de vestimentas femininas, maquiagens, próteses, enchimentos, perucas e demais acessórios. Em contrapartida, o ato de retirar tais indumentárias e adereços se denomina enquanto “desmontar” ou estar “desmontada”.

<sup>4</sup> Phabullo Rodrigues da Silva, conhecido por seu nome artístico Pablló Vittar, é uma cantora e *drag queen* brasileira nascida no Maranhão. Fonte: wikipedia.com.br. Acesso em 09 de maio de 2020.

<sup>5</sup> Sílvio Cássio Bernardo, mais conhecido pelo nome artístico Silvetty Montilla, é uma *drag queen*, atriz de comédia, cantora, compositora e apresentadora brasileira com mais de vinte anos de carreira. Fonte: wikipedia.com.br. Acesso em 09 de maio de 2020.

autoritário, conservador e pastor de uma grande igreja em Guararanhém; Jezebel, uma jornalista local, conservadora, branca, magra, loira e religiosa; e Jacinta, a dona da rede lojas Wanus Store, uma senhora idosa, branca, gorda, muito maquiada e extravagante.

O seriado apresenta uma linguagem excessivamente irônica e sexualizada com o intuito de suscitar maior comicidade à trama. Alguns exemplos podem ser observados principalmente nos nomes utilizados para os locais e personagens da trama. A loja de departamentos que as personagens principais trabalham, *Wanus Store*, faz menção à palavra ânus, designação usada para as nádegas ou bunda. A denominação religiosa fictícia da série intitulada Igreja do Gozo dos Céus e seus inúmeros termos e expressões derivadas, como por exemplo, o “Tempo do Gozo”, “Em Nome do Gozo” e “O Poder do Gozo”. A palavra gozo possui um duplo sentido significando tanto o orgasmo das relações sexuais, quanto satisfação ou deleite. O próprio nome da repórter local conservadora Jezebel, derivado do nome bíblico Jezabel, uma rainha responsável pela promoção da idolatria de deuses pagãos em Israel e da morte de inúmeros profetas cristãos, provocando a ira de Deus, dentre outros termos usados de forma cômica e irônica na narrativa.

A seguir, serão apresentadas as observações e os comentários sobre alguns excertos retirados do quarto episódio, os quais foi observada uma maior ocorrência de discriminação racial e de gênero na série. Farei comentários acerca de alguns termos selecionados e suas significações a partir das teorias *queers* e estudos sobre raça e discriminação de gênero.

**Donizete:** A senhora vai em pé? Ei ei ei, esse banco amarelo é pra velho, buchuda e deficiente. Não é pra gente brocha e de pau mole não. Levanta dai, meu amor! Pronto agora vai sentar no seu lugar! A senhora está com as pernas cheias de varizes, senta ali. **Senhora [vendo e ouvindo com dificuldade]:** Meu deus! **Donizete [fala distorcida]:** mãos pra cima! Isso é uma assalto! **Donizete [fala verdadeira]:** a senhora tem que sentar. Por que a senhora... **Senhora:** Socorro! É um assalto! **Donizete:** mas o que é isso? (Trecho 01, *Super Drags*, 2018, grifo nosso)

No trecho 01, Donizete está dentro de um ônibus lotado indo para o seu local de trabalho quando observa que uma idosa está em pé no ônibus próximo a um assento destinado a idosos, grávidas e deficientes, o qual está ocupado por um jovem rapaz branco que finge estar dormindo. Ao observar tal cena, Donizete prontamente resolve questionar o rapaz sentado e o obriga a se levantar e dar lugar para a idosa.

A personagem idosa é uma senhora branca, de baixa estatura, com vestimentas simples, óculos muito grandes para seu rosto e aparelho auditivo nos ouvidos, indicando possuir baixa visão e audição. Portanto, ao ouvir Donizete, a idosa apenas enxerga com

muita dificuldade um homem negro parado em sua frente, em uma imagem borrada. Donizete pede para que a idosa se acomode no assento preferencial e ela, erroneamente, entende que está sofrendo uma tentativa de assalto.

Por conseguinte, Donizete se surpreende com a reação da idosa e tenta explicar sua verdadeira intenção, a de auxiliar a personagem idosa, mas os passageiros do ônibus acabam entrando em desespero e não prestam atenção nas explicações de Donizete. Como resultado, as pessoas chamam a polícia que prende Donizete e o leva para a delegacia. A série não mostra o que acontece com Donizete dentro da delegacia, pois em uma próxima cena, a personagem aparece chegando até seu local de trabalho em um carro de polícia conversando intimamente com o policial, demonstrando uma certa afinidade com ele.

No excerto 01, podemos perceber, nitidamente, um episódio de discriminação racial, pois nesta situação, a idosa branca ao ser abordada por um homem negro, mesmo que não tivesse absoluta certeza de sua intenção, logo inferiu que ele só poderia estar tentando assaltá-la, partindo de um estereótipo de homem negro enquanto um sujeito perigoso. É interessante notar que a fala de Donizete é completamente distorcida de seu real significado pela idosa, a qual replica uma frase comumente utilizada em assaltos mesmo sem a ter ouvido em primeiro lugar.

Portanto, consonante com Guimarães (2003) e Barnard (1999), o conceito de raça é construído socialmente a partir das relações entre os indivíduos, e a crença acerca de uma suposta periculosidade associada à imagem de sujeitos negros, principalmente homens, ainda é muito presente no imaginário das pessoas e se converte em um ato racista, como ilustrado e praticado pela personagem idosa do seriado.

**Jacinta:** vamos no show da Goldiva, Dona Ivete? **Donizete:** é Donizete. **Jacinta:** vou te levar no show! Vou te levar pra dançar! Preto dança tanto, e ainda mais preto e viado como você é. Coisa do sangue, né? De gente negra. Coisa da raça. **Robertinho:** cuidado, dona Jacinta. Pode pegar mal. Hoje em dia tudo dá processo. Mimimi, o mundo está chato... **Donizete:** se fosse mimimi, eu não podia botar certas empresas na justiça! **Robertinho:** olha o respeito! Dona Jacinta, bota esse subalterno no seu devido lugar! **Jacinta:** eu vou colocar ele no devido lugar, no camarote! Vai ser eterno! Falando nisso, cadê meu camarote, Robertinho? Você quer perder o emprego? (Trecho 02, *Super Drags*, 2018, grifo nosso)

No trecho 02, Donizete foi chamado para uma reunião com seu gerente de vendas, Robertinho e a proprietária da loja em que trabalha, Jacinta. Robertinho

questiona o desempenho de Donizete com relação à venda de cartões da loja, afirmando que ele não serve para o trabalho e relatando tudo para Jacinta. Apesar das reclamações de Robertinho, Jacinta não parece muito interessada em falar sobre negócios e se interessa mais em conversar com Donizete.

Podemos observar que Jacinta faz comentários extremamente racistas sem nenhum pudor, como por exemplo, de que sujeitos negros dançariam muito bem apenas por serem negros; ela descreve isto como “coisa do sangue. coisa da raça” reproduzindo um discurso racista muito enraizado no contexto brasileiro, além de reproduzir o discurso médico científico arcaico proveniente da antiga ciência da raça (BARNARD, 1999; GUIMARÃES, 2003) de diferenciação racial ao afirmar que a habilidade de dança seria “coisa do sangue”. É importante ressaltar que Robertinho apenas repreende as falas racistas de Jacinta por medo de um processo judicial e afirma que “Hoje em dia tudo dá processo. Mimimi, o mundo está chato”, também um discurso muito reproduzido atualmente de intolerância e desrespeito pelas diferenças.

Como destacado por Guimarães (2003), muito do que entendemos hoje por racismo advêm da arcaica ciência da raça que criava subdivisões raciais entre os seres humanos, tal ciência, apesar de já descreditada, ainda habita o imaginário de Jacinta, por exemplo, pois ela afirma que a habilidade artística da dança seria justificada por características físicas provenientes de uma suposta divisão entre raças.

Já a expressão “mimimi” é usada na comunicação informal com uma conotação pejorativa que funciona como uma onomatopeia ao reproduzir os sons que imitam o choro ou a lamúria; esse termo é usado principalmente para tentar diminuir a manifestação de ideias de uma pessoa ou grupo. Já a frase “o mundo está chato” destaca um ditado muito comum no Brasil que passou a ser usado principalmente após as lutas e denúncias advindas dos movimentos sociais, como por exemplo, o movimento negro, LGBTQ+, das mulheres, dentre outros. Pois, a maior parte dos comentários e falas racistas, homofóbicas e preconceituosas aparecem principalmente disfarçadas de “opiniões” e pontos de vista diversos.

É interessante também destacar o uso da palavra “subalterno” na fala da personagem Robertinho para se referir a Donizete, também fazendo menção à classe social da personagem e buscando evidenciar um certo discurso de superioridade entre

classes com mais recursos financeiros em detrimento daquelas que não possuem tais recursos. Neste caso específico, o subalterno seria o homem negro, pobre, gay e afeminado, representado pela figura de Donizete.

A seguir, farei algumas considerações finais acerca das pesquisas citadas neste trabalho e algumas conclusões a partir dos comentários e observações dos dados apresentados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos de gênero e as teorias *queers*, segundo Butler (1990), Miskolci (2012) e Salih (2017) almejam denunciar o caráter instável e reiterativo da categoria de gênero e questionar a constituição e a propagação de conceitos frágeis de uma suposta normalidade e homogeneidade em detrimento daquilo que seria considerado anormal e abjeto, além de buscar salientar as injustiças, discriminações e violências presentes nas normas e convenções binárias excludentes e limitantes.

Por conseguinte, Crenshaw (2004), Barnard (1999) e Guimarães (2003) destacam que raça e gênero não devem ser tratados enquanto instâncias desconectadas, pois ambos fazem parte da constituição das subjetividades dos sujeitos e de suas práticas sociais, pois conforme Crenshaw “todas as pessoas sabem que têm tanto uma raça quanto um gênero, todas sabem que têm experiências de interseccionalidade” (2004, p. 9). Portanto, gênero e raça estão interligados em questões relativas a diferenças, desigualdades e discriminações.

As personagens de *Super Drags*, e mais especificamente Donizete, sofrem discriminação racial e de gênero em diversos momentos da narrativa, ecoando Barnard (1999), a discriminação de raça e gênero sofrida por Donizete não deve ser minimizada no âmbito dos estudos *queers* e nem tratada enquanto irrelevante em sua constituição enquanto homem negro *queer*. Portanto, denunciar, questionar e combater a discriminação de raça e de gênero, além de outras inúmeras outras formas de discriminação, deve ser foco das teorias *queers* e dos teóricos/as *queers*, enquanto agentes que buscam combater os binarismos e injustiças em prol de uma transformação social.

## REFERÊNCIAS

BARNARD, Ian. **Queer race**: cultural interventions in the racial politics of queer theory. New York: Peter Lang, 2004.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 15ª ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1990.

CRENSHAW, Kimberle. **A interseccionalidade na discriminação de Raça e Gênero**. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem, 2004.

ERICKSON, Frederick. Qualitative methods. In: LINN, Robert L.; ERICKSON, Frederick (org.). **Quantitative methods**. New York: Macmillan, 1990. v. 2.

GUIMARAES, Antonio Sérgio Alfredo. Como trabalhar com “raça” em sociologia. **Educação e Pesquisa**. São Paulo. V. 29. N. 1, p. 93-107, 2003.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 3º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Da Aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: MOITA LOPES, L.P (org.). **Por uma Linguística Aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Pesquisa Interpretativista em Linguística Aplicada: A Linguagem como condição e solução. São Paulo, **DELTA - Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, Vol. 10, nº 2, p. 329-338, 1994.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. 4º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

Recebido em 08 de abril de 2020

Aprovado em 11 de maio de 2020